

A MENSURAÇÃO DO SOFRIMENTO PESSOAL NA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA DO SUBLIME

Rui Carlos Mayer²

Resumo

O tema em estudo – a avaliação e a relativização do sofrimento pessoal pelo sentimento do sublime – tomou forma a partir de leituras feitas para o curso de Especialização em Aconselhamento Filosófico do Centro Universitário Claretiano, e do interesse particular pelas obras *O sentimento da beleza* (G. Santayana, 2018) e *Arte como terapia* (A. de Botton e J. Armstrong, 2014). Este artigo esboça, então, algumas indicações de conceitos em apoio a uma terapia pela arte desde uma teoria da estética – conceitos que podem contribuir para o desenvolvimento de investigações em direções variadas, porém complementares, tais como a da formação artística, a da educação estética e a dos aportes estéticos ao Aconselhamento Filosófico ou à Filosofia Aplicada. Tal estudo foi desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica especialmente dirigida para uma comparação entre as referidas obras, tomando como suporte textos filosóficos sobre conceitos específicos: arte, estética, sofrimento e sublime. A discussão acerca do tema e sobre esses conceitos conduziu à identificação e ao reconhecimento de passagens conceituais desde a teoria da estética até o emprego “terapêutico” da arte, em geral, e desde uma estética voltada para o sublime, em particular. Por fim, o estudo convida a se considerar, mais e melhor, a importância da experiência do sublime, tanto na teoria da estética quanto na terapia pela arte.

Palavras-chave: Estética. Sofrimento. Sublime.

2 Licenciado em Filosofia pela UNB (2000), especialista em Ensino de Filosofia (2002) também pela UNB, em Aconselhamento Filosófico (2020) pelo Claretiano Centro Universitário. Mestre em Educação (2003) pela Universidade de Brasília.

Abstract

The subject under study – the assessment and relativization of personal suffering due to the feeling of the sublime – took shape from readings made for the Specialization course in Philosophical Counseling at the Centro Universitário Claretiano, and the particular interest in the works *The feeling of beauty* (G. Santayana, 2018) and *Art as therapy* (A. de Botton and J. Armstrong, 2014). This article then outlines some indications of concepts in support of a therapy through art from a theory of aesthetics – concepts that can contribute to the development of investigations in different but complementary directions, such as that of artistic training, that of aesthetic education and that of aesthetic contributions to Philosophical Counseling or Applied Philosophy. This study was developed through a bibliographic review specially directed to a comparison between the referred works, taking as a support philosophical texts about specific concepts: art, aesthetics, suffering and sublime. The discussion about the theme and about these concepts led to the identification and recognition of conceptual passages from the theory of aesthetics to the “therapeutic” use of art, in general, and from an aesthetic focused on the sublime, in particular. Finally, the study invites us to consider, more and better, the importance of the experience of the sublime, both in the theory of aesthetics and in therapy through art.

Keywords: Aesthetics. Suffering. Sublime.

Introdução

A pretensão temática do estudo aqui proposto – a avaliação e a relativização do sofrimento pessoal pelo sentimento do sublime – tomou forma a partir de leituras feitas para o curso de Especialização em Aconselhamento Filosófico do Centro Universitário Claretiano, e do interesse particular de seu proponente pelas obras *O sentimento da beleza* (George Santayana, 2018) e *Arte como terapia* (Alain de Botton e John Armstrong, 2014). Esse estudo embasou, pois, o presente artigo, o qual procura esboçar, então, algumas indicações de conceitos em apoio a uma terapia pela arte desde uma teoria da estética – conceitos que podem contribuir para o desenvolvimento de investigações em direções variadas, porém complementares, tais como a da formação artística, a da educação estética e a dos aportes estéticos ao Aconselhamento Filosófico de pessoas e de grupos ou à Filosofia Aplicada.

Como objetivo geral, este artigo se propõe a identificar e promover um reconhecimento de passagens conceituais desde a teoria da estética até o emprego “terapêutico” da arte, em geral, e desde uma estética voltada para o sublime, em particular. Tal estudo foi e está aqui desenvolvido por meio de uma revisão bibliográfica especialmente dirigida para uma comparação entre aquelas duas referidas obras – o livro

Arte como terapia e o livro *O sentimento da beleza* –, tomando-se ainda, como suporte teórico-conceitual, alguns textos estritamente filosóficos sobre conceitos específicos intrinsecamente relacionados à temática em estudo: os conceitos de arte, estética, sofrimento e sublime.

O livro *O sentimento da beleza* (publicado em 2018), é uma versão brasileira de *The sense of beauty*, escrito pelo filósofo estadunidense George Santayana (e originalmente publicado em 1896). De *O sentimento da beleza* foram tomadas, principalmente: 1) a sua noção do sentimento estético como experiência sensória, racional e emocional, ou seja, de fundamento naturalista e expressão psicologista, e, portanto, passível de entendimento e explicação; e (2) a sua noção de sublime, concebido como afastamento e liberação do terror pelo sentimento estético.

O livro *Arte como terapia* (publicado em 2014), é uma versão brasileira de *Art as therapy* (publicado em 2013), então produzido pelo divulgador filosófico Alain de Botton e pelo professor de filosofia John Armstrong. De *Arte como terapia* foi tomada, principalmente, a ideia de que a arte poderia ensinar a enfrentar o sofrimento, posto que algumas obras de arte oportunizariam uma certa sublimação do sofrimento – no sentido de uma apreciação ponderada e compreensiva do horror e da dor –, feita pelo artista e para o público. Vale dizer, haveria obras de arte que facilitariam pôr-se o sofrimento pessoal numa perspectiva mais ampla e profunda.

Um oportuno desenvolvimento das noções aquelas tomadas de George Santayana, permite e permitiu uma interpretação rigorosa e uma prolífica complementação desta ideia de Alain de Botton e John Armstrong – a de que a arte poderia facilitar a contemplação e a ponderação do sofrimento. Isso ensejou, enfim, um convite para se considerar, mais e melhor, a importância da experiência do sublime na concepção e na promoção de uma renovada perspectiva estético-prática acerca do sofrimento.

Desenvolvimento: uma estética prática do sublime

Ao terminar este sentido poema
Onde vazei a minha dor suprema
Tenho os olhos em lágrimas imersos...
Rola-me na cabeça o cérebro oco.
Por ventura, meu Deus, estarei louco?!
Daqui por diante não farei mais versos.
(ANJOS, 2006, p. 164.)

O sofrimento é uma experiência pessoal, individual e solitariamente vivida. Sua comunicação só acontece por meio da linguagem, em diferentes modos e formas de expressão, tal como a artística ou a filosófica. Se a arte permite extravasar o sofrimento, cabe à Filosofia procurar seu entendimento e sua explicação. Uma dupla compreensão do sofrimento, artística e filosófica, seria então possível? Noutras

palavras e com outro sentido, seria possível uma Estética “prática”, a qual passasse pelo entendimento e pela explicação do sofrimento em sua expressão artística, visando à comunicação de seu extravasamento?

A Filosofia dita “prática”, ou, em se dizendo melhor, o conjunto daquelas partes da Filosofia que se referem a questões práticas da vida pessoal ou social, tem sido presente em toda a História da Filosofia. Da Antiguidade, por um exemplo, pode-se recordar (e até resgatar) as preocupações de Sócrates e de alguns socráticos com o acesso ao aprendizado filosófico e sua relação com a moral e a política, ou as preocupações éticas e eudemonistas de céticos, epicuristas e estoicos. Da Modernidade, por outro exemplo, pode-se recordar (e também desenvolver) as preocupações e reflexões práticas de Montaigne ou Schopenhauer, dentre tantos outros.

Esse conjunto de preocupações poderia, e talvez mesmo devesse corresponder a uma base epistêmica ou a vetores epistêmicos gerais e comuns – e esta possibilidade aponta um problema específico que, por si só, mereceria uma atenção oportuna e direcionada. Há por agora, entretanto, uma perspectiva relacionada à Filosofia “prática” que serve como diretriz para este estudo, a qual vem a ser encontrada nos esforços pela fundamentação do Aconselhamento Filosófico. Em tais esforços chegou-se à identificação de um fundamento, pode-se dizer, formativo do Aconselhamento Filosófico, e, por analogia ou extensão, da Filosofia Aplicada (e mesmo do Ensino de Filosofia):

[...] este se manifesta em uma proposta de exercício contínuo e ascendente de apropriação filosófica por parte do aconselhado. Apropriação essa que, em tese, permitirá que, no futuro, o aconselhado passe a exercitar, de modo independente, uma atitude filosófica em relação aos seus dilemas existenciais, sociais e culturais (NARDI, 2017, p. 39).

Por correspondência, a função e/ou a finalidade do Aconselhamento Filosófico, em particular, e da Filosofia Aplicada (Ética Aplicada, Estética Aplicada, etc.), em geral, configurar-se-ia, pois, através e em torno de práticas e da aplicação das teorias filosóficas, como referência na formação do sujeito pensante e atuante, de tal maneira que:

[...] no processo dialógico e investigativo criado entre aconselhado e aconselhador, paulatinamente, o aconselhado adquire e exercita atitudes e questionamentos eminentemente filosóficos que, nutridos e exercitados habitualmente, permitirão a ele se tornar autônomo em suas investigações e questionamentos. (NARDI, 2017, p. 39.)

A partir daquele fundamento e dessa função, então, são tomados o conteúdo e a forma que definem o presente estudo; assim, agora, para se alcançar a sua pretensão – a avaliação e a relativização do sofrimento pessoal pelo sentimento do sublime –, se faz necessário definir

também alguns conceitos que estão, desde antes mesmo, relacionados à temática tratada.

Ora, o sentimento do sublime precisa aqui ser interpretado desde uma compreensão que envolva, de início, uma noção filosófica da arte e, em seguida, o entendimento da parte da Filosofia que se dedica à investigação da arte e das expressões da beleza (e também do sublime), ou seja, a Estética. De uma leitura dicionarística do significado de “Arte” para a Filosofia, pois, pode-se tomar um entendimento tal como este:

[...] a bela A[rte]. é uma espécie de representação cujo fim está em si mesma e, portanto, proporciona prazer desinteressado [...]. Embora ainda hoje a palavra A[rte]. designe qualquer tipo de atividade ordenada, o uso culto tende a privilegiar o significado de bela A[rte]. [...] os problemas relativos às belas A[rtes]. e a seu objeto específico cabem hoje ao domínio da *estética* [...]. (ABAGNNANO, 2007(a), p. 82.)

E em prosseguimento de uma tal leitura, pode-se tomar ainda este significado de Estética:

Com esse termo designa-se a ciência (filosófica) da arte e do belo. [...] hoje, esse substantivo designa qualquer análise, investigação ou especulação que tenha por objeto a arte e o belo [...]. [...] “arte e belo” porque as investigações em torno desses dois objetos coincidem ou, pelo menos, estão estreitamente mescladas na filosofia moderna e contemporânea. (ABAGNNANO, 2007(b), p. 367).

E resta tomar, enfim, o significado de sublime para a Filosofia e na Estética: “Em sentido próprio e estrito, o S[ublime]. é o prazer que provém da imitação (ou da contemplação) de uma situação dolorosa. [...] O terror, a dor em geral, as situações de perigo são causas do S[ublime]” (ABAGNNANO, 2007(c), p. 923). Com isso, portanto, se tem aqui já definidos os principais termos filosóficos para o argumento presentemente desenvolvido.

Em e desde a Filosofia, então, encontra-se bem estabelecido um caminho teórico-conceitual pelo qual abordar o sofrimento – se e enquanto considerado sensação ou afeto relacionado ao “terror”, à “dor em geral” ou às “situações de perigo” – por meio do conceito estético de sublime. Mas a Filosofia poderia oferecer, também, uma noção em que se identificasse uma significação teórica para o sofrimento? Ora, sim; isso poderia ser encontrado, por um exemplo aplicável a este caso, numa interface entre Filosofia e Psicanálise (em se explorando a reconhecida influência da obra de Schopenhauer sobre a obra de Freud), ao se identificar o sofrimento, por um lado, como motivação de uma “libertação” introspectiva e pessoal, e, por outro lado, como motivação da criação intelectual individual e coletiva:

Assim como o pensamento schopenhaueriano, a teoria freudiana também considera que o sofrimento pode conduzir à libertação do sujeito. [...] A psicanálise não conduz à negação do querer-viver ou à mortificação da vontade, como o fazem os caminhos libertadores citados por Schopenhauer. Ao contrário, ela aposta no desejo e na construção da vida civilizada, a despeito de todas as forças contrárias que emergem dentro e fora do sujeito. Mas não há garantias para a emergência do desejo nem para o projeto da vida feliz, e isso está expresso nas conclusões de Freud [...]. [...] O programa cultural se desenvolve, portanto, sob o confronto de forças poderosas, que se fundem e se opõem ao mesmo tempo. (GOMES, 2014, p. 166-167).

Por conseguinte, uma abordagem filosófica do sofrimento, em geral, e uma abordagem filosófico-prática, em particular, poderia passar por uma teoria da estética e pelo conceito de sublime. A questão que ainda aqui permanece, então, é o do como proceder a essa abordagem.

O conceito de sublime, em Filosofia, encontra-se desenvolvido em uma alongada e muito densa tradição de obras; a título de uma exemplificação, pode-se recordar, pois: *Of tragedy* (Hume, in *Four dissertations*, 1757) ou *A philosophical enquiry into the origin of our ideas of the sublime and beautiful* (Burke, 1757), *Kritik der urteilskraft* (Kant, 1790) ou *Die welt als wille und vorstellung* e *Parerga und paralipomena* (Schopenhauer, 1819/44, 1851) – bem como mesmo o já referido livro *The sense of beauty* (Santayana, 1896). Essa tradição, como se pode perceber pelos exemplos escolhidos, bem se definiu e bem se estabeleceu somente com a modernidade:

Se o sublime não era desconhecido da estética clássica [...], somente com o ensaio de Burke (1756), porém, é que a experiência do sublime funda uma estética nova que supera a definição clássica do belo (a ordem, a harmonia, a perfeição). Ao distinguir o simples prazer (*pleasure*) do deleite (*delight*), do arrebatamento ou êxtase misturado a certa dose de terror que faz nascer o espetáculo do descomedimento e do poder da natureza, Burke coloca em evidência os limites do eudemonismo e descobre um prazer estético puro, “romântico”, distinto da busca da felicidade, do gozo e do agradável. Kant retomará essa descrição, mas substituindo o ponto de vista antropológico (“fisiológico”) de Burke por uma análise transcendental que explica a quantidade do julgamento estético, em outras palavras, de sua pretensão à universalidade. Com efeito, o sublime faz nascer em nós um “prazer negativo”. Enquanto o belo dava origem a um sentimento de desabrochar da vida, o sublime é produzido por uma “sustação das forças vitais”, seguida de um “desabafo”. [...] De fato, o sublime não é uma qualidade dos seres naturais, porquanto ultrapassa toda e qualquer forma sensível, e tem sua fonte, na verdade, no suprassensível que há em nós (LACOSTE, 1986, p. 31).

Em respeito a essa tradição, então, eis que se poderá definir assim o sentimento do sublime tal como tomado neste estudo: “Entendemos que o sentimento de sublime na modernidade pode ser definido como uma sensação inicial de desprazer seguida de um sentimento de prazer ainda maior, como uma sensação de prazer que nasce do desprazer” (ALMEIDA, 2009(b), p. 63).

Um dos representantes mais recentes da tradição essa da teoria geral da estética e, em particular, de uma estética do sublime, foi o filósofo estadunidense George Santayana. Em *O sentimento da beleza*, Santayana concebeu a experiência estética numa condicionada e condicionante imanência, já que é possibilitada, mediada e determinada pelos sentidos humanos. Mas a experiência estética não está reduzida ao reconhecimento ou apreço dos objetos físicos, posto ser gerada pela emoção e trazida à luz pela imaginação. A teoria da estética de Santayana poderia ser considerada, pois, simultaneamente naturalista e psicologista – porque reconhece desde logo uma fundamentação física e sensória para a experiência estética, para logo então conceber a experiência estética como resultado de um processo emotivo e imagético. O sublime, para Santayana, assim como qualquer outro assunto da teoria da estética, também é passível de entendimento e explicação.

O sentimento do sublime, em Santayana, é uma das possibilidades da experiência estética (a outra possibilidade, por óbvio, é o “sentimento da beleza”). Esse sentimento ocorre quando a experiência que o provoca se dá por uma evocação qualquer do terror, da dor ou de situações de perigo... todavia exclui e separa o sujeito dessa experiência, pois o eleva em relação aos elementos evocados:

Não pode haver nenhuma dificuldade em compreender como a expressão do mal no objeto pode ser a ocasião dessa reação heroica da alma. Em primeiro lugar, o mal pode ser sentido; mas, ao mesmo tempo, a sensação de que este mal não pode nos atingir, por maior que seja em si mesmo, pode estimular de modo extraordinário a consciência da nossa própria inteireza. Esta é a sublimidade que Lucrécio chama de “doce” no famoso verso no qual ele a analisa com tanta exatidão. Não nos regozijamos porque outra pessoa sofre algum mal, mas porque, vendo-o como um mal, vemos ao mesmo tempo que somos imunes a ele. [...] quando o mal é irreparável [...] um espírito vigoroso tem a possibilidade sublime de permanecer a certa distância e observar quase de outro mundo as vicissitudes deste.

Quanto mais lhe seja íntima a tragédia para a qual consiga olhar com serenidade, mais sublime será esta serenidade, e mais divino o êxtase no qual se a alcança (SANTAYANA, 2018, p. 171-172).

Por conseguinte, pelo sentimento do sublime, o sujeito passa do horror, do medo ou da dor que certa experiência provoca a um estado de espírito reparador:

Ao explicar os exemplos de sublime devemos salientar as emoções que este provoca em uníssono no interior de cada sujeito. Em todos os casos podemos observar o esmagamento de nossa vontade individual, uma certa angústia produzida no sujeito, uma sensação de aniquilamento, de nadificação, que ameaça ao indivíduo, frente ao poder ou a grandiosidade de uma certa força da natureza ou mesmo produção humana de dimensão inimaginável. Diante destas sensações que nos causam desagrado, sentimos um desprazer inicial causado pela certeza de nossa pequenez diante de um universo de coisas que nos assustam, frente a nossa incapacidade de apreensão imediata destas realidades da natureza, ou mesmo de certas construções humanas monumentais. Somos tomados pela sensação de sublime, sentimento este que ultrapassa nossa individualidade e nos apresenta um prazer maior do que a sensação de pequenez, sentida, anteriormente, no homem (ALMEIDA, 2009(a), p. 247).

Trata-se, portanto, de uma experiência que ultrapassa a percepção e o gozo, atingindo uma valoração estética superior, e até mesmo uma valoração ética imediata:

O sentimento do sublime é essencialmente místico: é o transcender de uma percepção clara em favor de um sentimento de unidade e de volume. Assim, na esfera moral temos a anulação mútua das paixões no coração que as inclui a todas, e a aplacação final delas sob o olhar que as abrange. Este é o método epicurista para se alcançar o distanciamento e a perfeição; ele conduz mediante a aceitação sistemática dos instintos ao mesmo resultado que o estoico e o ascético obtêm pela rejeição sistemática do deles. Assim, é possível alcançar aquela liberação de si mesmo que constitui o sublime, mesmo quando o objeto não contém nenhuma expressão de mal (SANTAYANA, 2018, p. 176).

Esse duplo axiológico – de uma valoração estética e ética – que tem lugar no sentimento do sublime, por sua vez, parece carregar notáveis promessas para, a partir e além de uma teoria da estética, promover-se o desenvolvimento de uma certa estética “prática” ou “aplicada”.

Eis, pois e enfim, a motivação e a oportunidade de se tomar ou considerar as questões/provocações apresentadas por Alain de Botton e John Armstrong em seu polemizado livro *Arte como terapia*, as quais surgem na forma de duas perguntas: “E se a arte tiver uma finalidade que pode ser definida e abordada em termos simples?” e “Em quais fragilidades psicológicas a arte pode nos ajudar?” (BOTTON, ARMSTRONG, 2014, p. 5). A primeira pergunta, considerada então neste estudo, diria respeito à possibilidade de se estender e ampliar os aportes da teoria da estética nalguma forma de aplicação filosófico-prática. A segunda pergunta aponta já para bem adiante e fora deste estudo, porquanto diria respeito aos elementos sobre os quais aplicar uma estética “prática”; sua lembrança serve aqui, porém, para se contemplar o delineamento do amplo horizonte que circunscreve este estudo.

O livro *Arte como terapia*, de início, foge àquela mencionada tradição filosófica acerca do sentido do sublime, adotando uma perspectiva pela qual se poderá perceber que a arte poderia “sublimar” a sensação ou o afeto que, encarado pelo sujeito como um sofrimento carente de importância, encontrasse na arte um meio de assumir alguma importância:

Podemos ver grande parte da realização artística como sofrimento “sublimado” pelo artista e, reciprocamente, pelo público na recepção da obra. [...] Na arte, a sublimação se refere aos processos psicológicos de transformação, em que experiências ordinárias se convertem em algo nobre e refinado – exatamente o que pode acontecer quando sofrimento e arte se encontram. Muitas coisas tristes ficam ainda piores porque achamos que somos os únicos a sofrer. Sentimos a nossa desgraça como uma maldição ou como demonstração do nosso caráter maldoso e degenerado. Assim, o nosso sofrimento não tem dignidade; parece provir apenas da nossa esquisitice. Precisamos de ajuda para enxergar honra em algumas das piores experiências por que passamos, e a arte está aí para lhes dar uma expressão social (BOTTON, ARMSTRONG, 2014, p. 26).

Essa perspectiva corresponde a outro sentido do sublime, o qual, apesar de não ser incompatível com o sentido tradicional, também não reforça o argumento desenvolvido neste estudo.

No entanto, logo adiante, o próprio argumento sobre esse tópico em *Arte como terapia* leva ao reencontro (ou à retomada) da tradição de Burke, Kant e Schopenhauer, ao considerar a arte como um porto seguro para a contemplação e a ponderação do sofrimento:

A arte pode oferecer um posto de observação fenomenal, muito importante e abrangente, de onde se examinam as vicissitudes da condição humana. Isso se aplica em especial às obras “sublimes” no sentido do romantismo [...]. Elas nos fazem perceber a nossa insignificância, despertando um terror agradável e uma consciência de como são ínfimas as desgraças humanas em comparação à eternidade e tornando-nos um pouco mais dispostos a aceitar as tragédias incompreensíveis que acompanham a vida de todos (BOTTON, ARMSTRONG, 2014, p. 30).

É nesse reencontro da perspectiva filosófico-prática com a teoria da estética que vicejaria a compreensão – pela mensuração, avaliação e relativização do sofrimento pessoal – e o direcionamento – para uma valoração estética e ética do sofrimento pelo sublime – que se esteve a procurar neste estudo. Desde essa renovada perspectiva estético-prática, conjugada em função do sentimento do sublime, partiriam e evoluiriam certos resultados “terapêuticos”, vale dizer, práticos e aplicáveis, na compreensão e no direcionamento da experiência humana do sofrimento:

Desse ponto de vista, as preocupações e irritações corriqueiras são neutralizadas. Em vez de insistirmos na nossa importância espezinhada para reparar as humilhações que sofremos, podemos nos dedicar, com a ajuda de uma obra de arte, a perceber e vir a apreciar a nossa essencial nulidade (BOTTON, ARMSTRONG, 2014, p. 30).

Surgindo como uma possibilidade consequente do argumento deste estudo, a perspectiva esta que elege a teoria da estética como guia para uma percepção e uma compreensão práticas da arte (re)estabeleceria certa harmonia entre aquela tradição da estética do sublime e a Filosofia “prática” mais recente. E a arte, pois, em se apoiando num conveniente arcabouço teórico-conceitual, maximizaria sua potência em facilitar a contemplação e a ponderação do sofrimento.

Conclusão

A discussão acerca do tema proposto – a avaliação e a relativização do sofrimento pessoal pelo sentimento do sublime – e sobre os conceitos relacionados – arte, estética, sofrimento e sublime – conduziu este estudo, como se esperava, à identificação e ao reconhecimento de passagens conceituais desde a teoria da estética até um emprego estético-prático da arte, em geral, e desde uma estética voltada para o sublime, em particular. O sentimento do sublime veio a ser caracterizado como um excelente recurso para uma mensuração “terapêutica” do sofrimento, porquanto bem realize, em relação a esse objeto, a função especial e principal da experiência estética, a qual sucede: “Quando os nossos sentidos e a nossa imaginação encontram aquilo pelo que anseiam, quando o mundo modela a si mesmo ou forma o espírito de uma maneira que torna a correspondência entre ambos perfeita, então a percepção é prazer, e a existência não necessita de justificação” (SANTAYANA, 2018, p. 193-194). Cabe aqui e se sustenta, afinal, a presente promoção deste argumento que veio sendo, também, um convite para se considerar, mais e melhor, a importância da consideração da experiência do sublime, tanto na teoria da estética quanto na terapia pela arte.

Referências

ABAGNANO, Nicola. **Arte**. In: _____. Dicionário de filosofia. Trad. de Alfredo Bosi e Ivone C. Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007(a), p. 81-82.

_____. **Estética**. In: _____. Dicionário de filosofia. Trad. de Alfredo Bosi e Ivone C. Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007(b), p. 367-374.

_____. **Sublime.** In: _____. Dicionário de filosofia. Trad. de Alfredo Bosi e Ivone C. Benedetti. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007(c), p. 922-924.

ALMEIDA, Martha de. **Por uma metafísica do sublime.** Princípios: revista de filosofia (UFRN); Natal, v. 16, n. 26, p. 229-255 (PDF), jul./dez. de 2009(a). Disponível em: <<https://periodicos.ufrn.br/principios/article/view/776>>. Acesso em: 29 de agosto de 2019.

_____. **O sublime na modernidade.** Prometeus: filosofia em revista (UFS); São Cristóvão (SE), v. 2, n. 4, p. 62-72 (PDF), jul./dez. de 2009(b). Disponível em: <seer.ufs.br/index.php/prometeus/article/view/739/617>. Acesso em: 29 de agosto de 2019.

ANJOS, Augusto dos. **Poema negro.** In: _____. Eu e outras poesias. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BOTTON, Alain de; ARMSTRONG, John. **Arte como terapia.** Trad. de Denise Bottmann. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

LACOSTE, Jean. **A filosofia da arte.** Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

NARDI, Edson. **Fundamentos metodológicos do aconselhamento filosófico.** Educação – Dossiê: aconselhamento filosófico (Claretiano); Batatais (SP), v. 7, n. 1, p. 9-40 (PDF), jan./jun. de 2017. Disponível em: <claretiano.edu.br/revista/120/dossie-aconselhamento-filosofico>. Acesso em: 22 de agosto de 2019.

PRADO, Adriano; GOMES, Arthur. **Felicidade e sofrimento: aproximações entre Freud e Schopenhauer.** Sapere Aude (PUC Minas); Belo Horizonte, v.5, n.10, p.160-167 (PDF), jul./dez. de 2014. Disponível em: <periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/8710>. Acesso em: 7 de setembro de 2019.

SANTAYANA, George. **O sentimento da beleza: esboço de uma teoria estética.** Trad. de Nilton Ribeiro. Curitiba: Livraria Danúbio, 2018.

Recebido: agosto de 2020

Aprovado: outubro de 2020